

ARTE E CIÊNCIA NOS MUSEUS DE CIÊNCIA

Daniela Franco Carvalho

Nos últimos vinte anos tenho me dedicado intensamente às pesquisas, orientações e ações de extensão inovadora no campo da educação em museus. Recentemente assumi a curadoria do Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC), em Uberlândia - MG e tenho trabalhado junto ao grupo de pesquisa Amplia - amálgama em educação, ciência e arte. Nesse entrelaçar de gente temos pensado fortemente uma questão: Podemos ensinar ciência no museu tendo a obra de arte contemporânea como base de argumentação e construção de conhecimentos?

Essa pergunta surge de vários estudos e pensamentos no campo museal, juntamente com professores da educação básica, na busca por compreender o próprio museu como espaço dialógico de formação.

Temos imaginado como promover situações nas quais os visitantes possam se sentir incentivados a produzirem sentidos a partir do que encontram no museu, de forma que estejamos abertos a pensamentos divergentes, que rompam com o explicativo, e que dialoguem com a visão de mundo de cada sujeito.

Assim, as obras de arte contemporânea aparecem como provocadoras de pensamento no campo científico, oportunizando o sujeito que as contempla a relacionar o que vê/sente/experiência àquilo que vive.

E nessa produção de sentidos, a elaboração de uma ação educativa perpassa a dimensão dialógica desde o momento em que pensamos na escolha da obra.

No MBC temos nos dedicado ao movimento de criação em conjunto com artistas de exposições que permeiam a interface com a ciência, e no Amplia temos promovido discussões com os visitantes do museu acerca das percepções científicas, sociais e culturais a partir de algumas obras de arte.

O tema sobre as mudanças climáticas é pauta sempre presente sobre esse importante diálogo com a sociedade. O Antropoceno (Crutzen, 2002; 2010) é o advir de uma nova era geológica, na qual os humanos se tornam uma força planetária, capazes de alterações drásticas na geologia das paisagens e nos processos geoquímicos do planeta. Dessa forma, para que possamos compreender o Antropoceno, é necessário compreender as mudanças climáticas. Gardner (2021) faz alertas circunstanciais no campo teórico da ecologia sobre a sobrevivência das espécies na Terra.

Partindo da ideia de que os museus são espaços educativos que podem questionar a nossa existência no Antropoceno idealizamos uma exposição para abordar as mudanças climáticas por meio de obras de arte.

Para isso, propusemos uma ação educativa virtual, realizada no perfil do MBC no Instagram (@mbc.ufu) durante a pandemia de covid-19, denominada “Herança de Cinzas” que teve múltiplos objetivos e propiciou depoimentos sobre o Antropoceno e o contemporâneo que vivemos por parte dos visitantes digitais.

A ação educativa foi baseada no formato “museu-exposição-pesquisa”, proposto por Morato (2019). Usamos a composição do feed como uma exposição museal, alternando imagens e vídeo-depoimentos para fomentar a discussão de questões essenciais sobre o novo regime climático (Latour, 2020) na nossa realidade.

Inicialmente entramos em contato com artistas plásticos e conversamos sobre a proposta, de que as obras fossem provocadoras de argumentos e conhecimentos acerca das mudanças climáticas. Os convidados elaboraram de forma voluntária doze obras de arte em formato digital que foram disponibilizadas de forma conjunta a textos de divulgação elaborados pelo setor educativo do museu. A partir da exposição, os visitantes virtuais explicitaram relatos, não somente nos comentários mas também em múltiplos formatos: fotografias, poesias, depoimentos gravados em vídeo, videoclipes de canções originais, cantigas de ninar e textos transformados em imagem. Em cada relato foi possível perceber reflexões acerca das mudanças climáticas e os modos de vida na atualidade.

No Amplia temos nos dedicado a produzir questionamentos sobre a ciência a partir de obras de arte contemporânea. São muitos artistas que nos convocam a pensar coma ciência e para além dela que perpassam diversas áreas do conhecimento.

Marta de Menezes, artista portuguesa, tem explorado essa interseção entre biologia e arte desde 1999 quando produziu seu primeiro trabalho artístico intitulado “Nature?”, modificando a nível fenotípico os padrões das asas de borboletas vivas.

A partir da imagem da asa da borboleta com o padrão modificado, questionamos junto ao público do museu: Quais diferenças há entre o trabalho dessa bioartista e os cientistas? Há limites definidos entre a arte a ciência? Os princípios éticos estipulados para o fazer científico cabem para a arte? Quais as questões que emergem do hibridismo entre biologia, ciências, tecnologia e arte que se concretizam na bioarte?

A obra “La inagotable búsqueda de la cura” do artista chileno Mauricio Garrido (2018) é uma colagem, com imagens coloridas de revistas, que configura a estrutura do vírus HIV. A partir dela, questionamos: Há limites entre as nossas células e um vírus? O que se vive pode estar colado ao corpo como marca? Você acha que um abraço pode salvar vidas? Dentre outras

possibilidades, com essa obra podemos articular questões de vida e morte, contágios, vírus, pandemias, infecções sexualmente transmissíveis, estruturas celulares, vacinas, contextos históricos e sociais, chamando atenção para tudo que permeia a obra de maneira plural, diversificada, protagonizando a palavra do outro internamente compreendida no cotidiano, na vivência, no abraço, na escola.

A obra “Grass Cocoon” da artista estadunidense Jeanne K. Simmons (2018) traz uma modelo nua envolta em grama verde, tendo os cabelos trançados ao vegetal. As tramas e fios se confundem nas tranças que se formam. Uma entrega que pode sugerir a metamorfose como resposta à alteridade que se estabelece quando não há indiferença ao outro. Onde há interações humano-planta-terra no seu cotidiano? Quais entrelaçamentos possíveis essa obra te provoca? Através dos entrelaçamentos propostos pela obra, somos convidados a repensar nossa relação com a natureza e buscar uma conexão mais profunda com o ambiente. Quais conexões-raízes o seu corpo produz no cotidiano?

A artista brasileira Mônica Lóss produziu a obra “O que se passa aqui dentro” (2020) vinculada ao projeto Cabeças – série Entre o mostrar-se e o esconder-se. Uma foto-performance em construção têxtil na qual coadores plásticos são posicionados em mimetismo aos olhos de uma mosca na face da artista. Ela pousa na árvore. Mulher-diptera à espreita de quê? O que se vive em 30 dias de uma vida de mosca? É possível sentir com as moscas? Com olhos multifacetados poderíamos enxergar o mundo de outras formas?

Nesse movimento produzimos perguntas.

Perguntas produtoras de sensações.

Perguntas sem respostas.

Perguntas que desencadeiam novas perguntas.

Proliferamos a ideia de museu de ciência como espaço dialógico, questionador e incentivador de pensamentos outros, em conexão constante com o mundo, por meio dos artistas e de suas obras.

Referências

AMPLIA: amalgama em educação, ciência e arte. Grupo de pesquisa. Disponível em: www.amplianarede.com.br

CRUTZEN, Paul. (2002). J. The “anthropocene”. *Journal de Physique IV (Proceedings)*, 12(10), 1-5.

CRUTZEN, Paul J. (2010). Anthropocene man. *Nature*, 467(7317), S10.

GARDNER, Charlie J.; BULLOCK, James M. (2021). In the Climate Emergency, Conservation Must Become Survival Ecology. *Frontiers in Conservation Science*, 2. DOI: 10.3389/fcosc.2021.659912.

GARRIDO, Mauricio. (2018). Disponível em: <https://cchv.cl/la-inagotable-busqueda-de-una-cura/>

LATOUR, Bruno. (2020). *Diante de Gaia*: Oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: Ubu Editora.

LÓSS, Mônica. (2020). Disponível em: <https://www.monicaloss.com/>

MENEZES, Marta de. Disponível em: www.martademenezes.com

MBC – Museu de Biodiversidade do Cerrado. Disponível em: www.mbc.ib.ufu.br

MORATO, Ana Claudia Resende. (2019). *Museu dos sonhos possíveis*. Disponível em: www.instagram.com/museudossonhospossiveis/.

SIMMONS, Jeanne K. (2018) Disponível em: <https://jeanneksimmons.com/>